

Leituras de *Corpo vivo*, identidades híbridas por escrito

Adeitalo Manoel Pinho

Doutor, Prof. Titular de Literatura Brasileira da UEFS;
Coordenador Executivo do Centro de Pesquisa em Literatura e Diversidade Cultural;
Coordenador do GELC – Grupo de Estudos Literários Contemporâneos.
E-mail: adeitalopinho@gmail.com

Recebido em: 06/06/2015

Aprovado em: 16/02/2016.

Resumo: Estudo o romance *Corpo vivo*, de autoria do escritor baiano Adonias Filho. Esse romance, ao mesmo tempo em que atualiza uma corrente forte na ficção brasileira – o indianismo, providencia uma visão problematizada da ocupação econômica da região sul do Estado da Bahia. A cultura do cacau, uma das mais ricas culturas agrícolas do início do século XX, no país, oferece oportunidade de o romancista investigar o modo de civilização, organização política, encontro de culturas, configurados em torno da urgência das lavouras cacaueiras. Por isso, faz-se oportuno o uso da nomenclatura teórica em voga no início do século XXI, notadamente, o pós-colonialismo e o agenciamento.

Palavras-Chave: Literatura baiana; Romance; Indianismo; Pós-colonialismo.

Readings of *Corpo vivo*, writing hybrid identities

Abstract: This is a study about *Corpo Vivo (Living Body)*, by Brazilian (Bahia) writer Adonias Filho. In the novel, at the same time a strong literary manifestation in Brazilian fiction is updated – “indianismo”, a problematic view from Bahia Southern Region economic occupation is also presented. Cocoa farms, one of the richest agricultural cultures in the early 20th Century in Brazil, offer the writer the opportunity to investigate the civilization, political organization and cultural encounters which are presented around the cocoa plantation. For these reasons, it is appropriate to use the theoretical definitions which have been in vogue in the early 21st Century, post-colonialism and agency.

Keywords: Literature of Bahia; Novel; Brazilian Indian culture; post-colonialism.

Este estudo aborda a obra de autor baiano que completa, em 2015, centenário de nascimento. Isso é motivo de comemoração, pois se trata de um dos grandes autores brasileiros. Os romances I de Adonias Aguiar Filho² (1915-1990) cobrem vasta geografia do Brasil e do exterior. Eles tratam tanto da cidade de Salvador, do seu ambiente natal, a chamada Nação Grapiúna – localidades que compreendem os dois municípios baianos de Ilhéus e de Itabuna –, do Rio de Janeiro, do trânsito marítimo entre a África, Europa e o Brasil, muito semelhante às movimentações teorizadas pelo chamado Pós-colonialismo: emigração, diáspora e nomadismo. O autor estava interessado em representar, nas produções ficcionais, a problemática causada pelo percurso colonial no Brasil. Algumas pouquíssimas histórias da literatura³ classificam o romancista baiano como representante de segundo momento modernista, atrelado ao regionalismo. Este estudo, ao discordar das classificações anteriores, ancora-se na proliferação de trabalhos literários estribados no que se convencionou chamar de estudos culturais, contemporaneamente. E também está reforçado justamente pelo fato das reflexões sobre cultura, identidade, etnia, já serem preocupação de criações ficcionais da década de 1950, como é o caso do romance *Corpo vivo*,⁴ aqui abordado.

A atenção à literatura com o foco representativo voltado para a paisagem geográfica e humana do estado da Bahia oferece motivos para a tranquila manutenção da identidade fixa do *leitor nacional* e, por outro viés, a intranquila constatação, nesses espaços detalhadamente observados, da presença de identidades⁵ sociais, culturais e individuais, mestiças, incompletas e fortemente marcadas pelo elemento tido por negativo, como é o caso do índio, do negro, do pistoleiro, das regiões orais, da floresta e etc. Essa diversidade não é atributo exclusivo de literaturas produzidas no Estado, mas de culturas que por ventura estão fora da visada supra valorizada das metrópoles e/ou culturas robustamente escritas (letradas), as mesmas que tendem a imitar os modelos europeus de hábitos culturais⁶.

A primeira postura de leitura, mencionada acima como *nacional*, é responsável, muitas vezes, pela manutenção de um sujeito leitor fixo. Esse tipo de leitura impõe, ao leitor, a ilusão de uma observação de cima, imóvel tanto para uma nova visão dos acontecimentos tratados pela trama como porque pouco mobiliza (desestabiliza) o próprio agente da leitura. Esse ato marcado de ler oferece uma in-

formação exótica do mundo tratado, turística, na forma de descanso das atividades tidas por sérias daquele leitor, para, em alguns momentos, divertir-se com as agruras um pouco comoventes, um pouco patéticas de homens desumanizados pela nodosa mistura sanguínea (onde o “sangue” bom é chorado e o ruim é marca de humilhação e rebaixamento do mais importante, o europeu). A partir desse tipo de leitura, o mundo representado é visto de maneira superficial, não há interesse de se ver em profundidade, ou, antes, não vale a pena o esforço; dele, quem lê parece ser sempre mais digno do que aquilo/aqueles que se está representando.

Do gosto de riso e patética, estão locupletados os programas de televisão jornalísticos ou telenovelescos. Por isso, tanto se pode rir ou ter pena da figura estranhamente feliz dos paupérrimos vaqueiros que se exibem para o repórter, demonstrando, com ferimentos reais, o quanto é difícil a sua profissão; ou do sotaque do serrano que, simplesmente, faz notar, à nacionalidade, o seu modo de vida e de falar – isto é sintomático das caatingas sertanejas aos pampas gaúchos. O uso dessa espécie de exotismo acabou fazendo com que tanto a crítica e a opinião popular se incumbisse da difícil tarefa de acusar de traidores ou preconceituosos os seus próprios escritores – justamente os que ousaram falar de paragens exiladas da cultura dominante. Pelo seu êxito popular, autores, como Jorge Amado, são exemplos dessa desconfiança, cuja falseta finalmente parece estar sendo desmentida pelas investigações críticas mais contemporâneas. Esse jogo é reproduzido, de forma semelhante, em resenhas críticas, tomos de coletâneas onde vão estudar os candidatos a especialistas em literatura das universidades, e, completando um ciclo, vão reproduzir-se em histórias da literatura.

Justamente, é numa fixação em histórias da literatura que estudos dessa natureza devem desembocar, porque as histórias não deixaram de ser importantes para a compreensão da literatura e, fatalmente, nelas estará, quando puderem compreender e perceber o seu próprio valor político, uma das maneiras de visualizar o horizonte das possibilidades culturais e humanas de uma determinada região. A respeito das histórias literárias, o crítico Nelson H. Vieira profere opinião propícia ao que se está discutindo aqui:

A meu ver, representações desta possível solução [o impasse entre o nacional e as diferenças culturais] encontra-se na ficção brasileira

onde emergem, em crescente escala, diálogos entre vozes manifestando as várias etnias e raças, a cultura e a religião populares, e as questões de gênero. (VIEIRA, 2003, p. 109).¹

Nelson Vieira percebe também a necessidade da história da literatura enfrentar o problema da diferença cultural como marca que põe em suspenso a nacionalidade, mas, por outro lado, percebe a literatura brasileira realizando, há tempos, essa hibridização e alteridade culturais, nos exemplos citados de Jorge Amado, Rubem Fonseca, Roberto Drummond, Clarice Lispector, Sônia Coutinho, Adélia Prado, Sérgio Sant'Anna e Moacyr Scliar. Acompanhado pelas figuras de Homi Bhabha, Nestor G. Canclini e Silviano Santiago, o teórico da historiografia expõe a sua proposta:

[...] Por isso, desejamos identificar aqui estas culturas 'esquecidas' para que possam ser incluídas numa história literária. Em vez de uma suposta visão total ou abrangente da literatura, pretendemos oferecer algumas noções gerais sobre as possibilidades de uma nova configuração da história literária inspirada pelo clima (multi)cultural do presente. (VIEIRA, 2003, p. 98-99).¹

O romance de Adonias Filho se inclui nesse espaço híbrido e crítico onde necessariamente vão surgir culturas "esquecidas", no dizer de Vieira, e que, pela leitura menos conciliadora, podem ser chamadas de culturas "vilãs" (n' *Os Sertões*), "pornográficas" e "blasfemas" (em romances de Jorge Amado), "coronelistas" (em romances de Wilson Lins). Inegavelmente, e aí está o papel da história da literatura, as culturas híbridas devem aparecer, para que a diferença possa "demarcar" ou "desmascarar" o que há de cultura brasileira.

A questão perpendicular, na reflexão sobre o romance de Adonias Filho, é que esse leitor fixo, tranquilo, trajado e confortavelmente instalado nas salas dos centros urbanos não está assim tão seguro. Mesmo com o desestimulante conselho de que tal literatura, que ousa representar longínquos e "bárbaros" locais de humanidade relegada e sem letramento, seja abandonada, ela continua sendo realizada, talvez porque essa tipologia humana, nela contida, ainda esteja lá, conseguindo sobreviver com os poucos recursos que a nação, mãe-pátria, ofereça. A título de exemplo, em estudo crítico e destemido que realiza a respeito da poesia de Castro Alves, o his-

torizador Flávio Kothe² menciona que a mensagem castroalvina era simples, em relação ao escravo, ou comete suicídio (enlouquecendo) ou retorna para a África. Tais mensagens são visíveis no poema “O Navio negreiro” e no livro *A Cachoeira de Paulo Afonso*. A vivência, do mesmo modo, do coronelismo, da violência em meio ao veto ao acesso às letras, e à nutrição e ao conforto, presente nos grandes centros, ainda é cotidiana. Também, exemplos de resistência, o movimento de Canudos e do Cangaço, provam que o aconselhamento para o suicídio nunca foi acatado.

Por outro lado, as literaturas que ousam desafiar a orientação nacional acabam por problematizar o leitor, oferecendo um grande repertório de identificações incompletas, móveis e, principalmente, construindo um uso político para as informações contidas através das representações ficcionais. As palavras do crítico anglo-indiano Homi Bhabha são expressivas de novos modelos de percepção do literário de maneira ampla – não só da aristocracia e da burguesia, mas também das classes populares – e do drama pós-colonial: no caso do romance em foco, o colonialismo surge, via percepção étnica (branco, negro, índio e mestiços) e o uso da terra (coronéis, latifundiários, posseiros, indígenas).

É desse espaço entre a mímica e o arremedo, onde a missão reformadora e civilizadora é ameaçada pelo olhar deslocador de seu duplo disciplinar, que vêm meus exemplos de imitação colonial. O que todos têm em comum é um processo discursivo pelo qual o excesso ou deslizamento produzido pela *ambivalência* da mímica (quase o mesmo, *mas não exatamente*) não apenas ‘rompe’ o discurso, mas se transforma em uma incerteza que fixa o sujeito colonial como uma presença ‘parcial’. Por ‘parcial’ entendo tanto ‘incompleto’ como ‘virtual’. É como se a própria emergência do ‘colonial’ dependesse para sua representação de alguma limitação ou proibição estratégica *dentro* do próprio discurso autorizado. O sucesso da apropriação colonial depende de uma proliferação de objetos inapropriados que garantem seu fracasso estratégico, de tal modo que a mímica passa a ser simultaneamente semelhança e ameaça. (BHABHA, 1998, p. 131).¹

É preciso dizer que as observações do crítico pós-colonialista tomam, nesse trecho executado, o contexto mais restrito da dominação britânica da Índia e, daí, expande sua postura reflexiva para os outros modelos de colonização. No caso do romance de Adonias

Filho, a ameaça proporcionada ao discurso canônico está na mímica temporal, social e da tradição. Como sugestiona Bhabha, *Corpo vivo* aparenta ou arremeda os modelos vitoriosos de conduta cultural nos embates cuja ação dramatiza a substituição progressiva da floresta de Mata Atlântica pela floresta do Cacau. Pode-se pensar apressadamente, que é uma ficção sobre a vitória da civilização capitalista (a riqueza da matéria-prima do aclamado chocolate) sobre a indigna e peçonhenta floresta. Imitando um gênero consagrado pelas elites do passado – o indianismo –, que providenciou também a vitória irônica do sujeito colonizador sobre o nefasto selvagem indigno dessa porção de terras, o romancista parece estar festejando um projeto bem-sucedido no passado.

Emparelhado à mímica de Homi Bhabha, não houve um festejo da evidente empresa associada entre o capitalismo, colonialismo e literatura, mas, por outro lado, toda uma problemática causada pelo manejo dessas forças. Mesmo tão terrível para a população indígena, no século XIX e anteriores, em pleno século XX, bolsões nativos ainda continuam sendo massacrados pelo apetite da acumulação capitalista. Se o gênero indianista, na figura dos seus autores, ficou por dever explicações por sua representação do nativo, o nosso famoso e envolvente *pele vermelha* insistia em sobreviver ao *happy end* colonial.

No tipo de literatura que desenvolve a mímica do dominador – “parece igual, mas será o mesmo?”, a própria teoria deverá tomar cuidado quanto ao seu arsenal de investigação do fenômeno ficcional, uma vez que as noções de heróis e vilões, de tempo, de violência e recompensa podem estar se referindo àquele modelo canônico de leitor. Muitos tropos de classificação literária são motivados por modelos já consagrados, ligados a intenções organizacionais, como as escolas literárias (romantismo, realismo, modernismo), religiosos (como os sentidos de falha/erro, pagamento, arrependimento, redenção e recompensa do herói, que caracterizam o romance romântico principalmente de José de Alencar), temáticos, como são exemplos do tema nacional o ufanismo, o romance histórico, e o indianista do século XIX.

O romance *Corpo Vivo* é uma obra literária que levou mais de duas décadas para estar terminada (início em 1938, publicação em 1962). Seu autor publicara, no intervalo entre o anúncio da obra e a sua efetiva publicação, alguns importantes romances, *Os servos da morte* (1946) e *Memórias de Lázaro* (1952). A leitura do romance de Adonias Filho denuncia uma preocupação tal com a linguagem, for-

ma estrutural romanesca que se impõe uma afirmação: é o trabalho de um autor obcecado pela consagração.

Em *Corpo Vivo*, é construída uma gênese psicológica para a vingança, uma sinfonia da violência, calcada no cuidadoso trabalho de construção da frase, na escolha das palavras pela sua sonoridade e apresentação gráfica no papel. O autor escolhe o poético como tecnologia para representar o seu universo grapiúna², do homem à floresta e vice-versa. O sul baiano é o cenário para a trajetória do protagonista Cajango – misto de branco e índio, de homem e de fera, de anjo e demônio. E tudo ganhará mais vivacidade com a liquidez da lama, a perdição da mata, a morbidez do ataque da onça – ao final, a natureza selvagem do sul da Bahia impõe-se como poder. Nós não devemos nos enganar, é em nome do cacau – vegetal/capital estranho à floresta – que o homem branco inaugura a história com sangue, que tinge o corpo e a alma do pequeno Cajango – testemunha única do assassínio dos familiares – e pode, então, começar a história de vingança que é sua própria aprendizagem do mundo, *Corpo Vivo*. Assim começa o romance:

Encontrarão o ninho, é o que pensa. Nas costas, oculta pela mata, ficara a serra. A terra devia ter se contorcido, fervido em lama, pedras e lavas em atrito, para fazê-la o aleijão medonho. Erguendo-se da chapada, montanha que sobe em desaprumo, floresta e rochedos se abraçam nas quedas dos despenhadeiros. Furacão doido e bruto que rodava a torcera, como se fosse um pano molhado, e malhas são as nuvens que a rodeiam. O vento, detido pelas encostas do outro lado, não passa. Imagens nos olhos, enquanto anda, João Caio sabe que ali o homem e a mulher encontrarão o ninho. (ADONIAS FILHO, 1974, p. 19).³

Logo de início, o narrador impõe a tragédia humana – na morte e na violência – aproximada à constituição bizarra da natureza, protetora e cruel. Num tempo presente e impreciso, apresentam-se fragmentos em ritmo cinematográfico⁴, em primeira pessoa, por narradores múltiplos, pedaços de um enigma que poderá se desvendar mais adiante. Ao feitio de um cirurgião, o autor busca incisões precisas e vitais para a narrativa – economia simbólica de uma ficção que, em poucas páginas (135), possui a capacidade de se multiplicar em imagens. No trecho a seguir, narrado pela personagem Padrinho Abílio, exemplifica-se o expressivo processo:

Na sala de jantar, emborcadas na poça de sangue, as duas meninas – Maria Laura, de 12 anos, e Maria Lúcia, de dez anos – estavam caídas como alvejadas em pleno carreira. Sobre o batente da porta, como se tivesse escapado dos braços da mãe, o corpo tão pequeno do pagão que ia fazer três meses. Andando com os pés no sangue, em direção à sala onde ficara minha mulher, levantei o candeeiro para aumentar a luz. A comadre ainda tinha as mãos sobre o rosto e, um pouco distante do marido, como que se preparava para dormir. Januário, de costas, estirado, sangrado no pescoço como se fosse um porco. Pondo o candeeiro no chão, cuja luz parecia empretecer as poças de sangue, abracei minha mulher procurando animá-la. Foi ela quem, acima da minha perturbação, perguntou por Maria Teresa. Era a mais velha e tinha 18 anos. Retornei com o candeeiro, percorrendo os quartos. Fui encontrá-la na despensa, quase despida, e observei que unhas de homens tinham rasgado a sua pele. Deitada de bruços, o sangue já não gotejava da ferida aberta na nuca. O punhal, que a matara, penetrara fundo. (ADONIAS FILHO, 1974, p. 22).⁵

A narrativa pulsa golpeando com as palavras no sentido dramático, da gravidade, da ação de extermínio da família de Cajango e também pela construção do universo existencial do sul baiano para o leitor – muitas vezes desavisado e outras, recusando esse universo. Assim, as mortes devem ser descritas com requintes destacados, está em jogo o *mando6* – o jagunço cumpre ordens à risca seja homem, mulher e menino. Mulher-moça de inimigo é presa e prêmio do macho viril. Assim, um código de conduta vai tomando contorno. No adiantado do romance, esse mesmo código dará a indicação da sutil diferença entre os grupos contendores.

Corpo Vivo é um romance que impõe sua própria teoria interpretativa. Publicado em momento anterior às demandas identitárias e pós-modernas de teorização do literário, a preocupação com o homem híbrido (branco + negro + índio) e os conflitos advindos do encontro nem sempre festivo entre o homem civilizado e a natureza estão pulsando em suas linhas; inclusive, a narrativa explicita um percurso existencial capaz de renunciar a uma evolução cultural da mata para a cidade, i. e., do primitivo para o civilizado, por entender que tal projeto estivesse falido em nossa realidade e compreender a humanidade como condição permanente tanto do branco, índio e negro. Assim, a ambivalência selvagem e violenta de *Corpo Vivo* instaura o humano.

Adonias Filho está consciente da problemática visualização das

etnias que compõem a cultura brasileira. A Nação Grapiúna é lugar onde – para além de sintetizar a sua população em branca, negra e índia, também de mestiços, bugres, que são tropeiros, jagunços, plantadores de cacau, arreeiros – estes tipos estão em plena ação existencial articulada com as formas de ocupação. O homem branco atua nas plantações e no *mando*; o mestiço jagunço, no pleno exercício das armas e da morte; o bugre – índio de profundo conhecimento da mata, da caça, da noite, do silêncio – senhor de temidos domínios, sabe artificar a vingança pelo derramamento de sangue. Os contendores estão irremediavelmente unidos, mesmo em lugares conflituosos, pelo exercício da morte na narrativa.

Digno de nota é que, nessa nação ficcional, não há etnias exiladas ou expatriadas. Se a cidade é o lugar civilizado, cânone do mundo ocidental, pela moral da violência e fator de equilíbrio entre a contenda, também a floresta é lugar de força na estratégia dos combates, sendo os caminhos e as matas de cacau, as casas de vendas isoladas, os lugares onde circulam os dois grupos. A floresta é do bugre e do homem-fera que é Cajango e seus liderados – mestiços, negros, outros bugres e marginais: aleijados como Cludo, o albino, animalizados como o Sangrador, feição de símio; a cidade é do mando, dos comandados por se alugar e pela ambição do cacau – aqui estão também jagunços e mestiços cumprindo o mesmo papel do lado oposto.

Adonias dialetiza a relação identitária pelo “negativo”! Aparecerá com vigor uma língua negada nos nomes e nos atos – a indígena, os gostos pela conversa de cócoras e pelo esconderijo em buracos úmidos e frios ao feitio da vida dos antepassados guaranis. Não há qualquer sinal da típica classe canônica dos salões encartolados e do fulgor dos brilhantes em meio a frases de efeito de requintes tantas vezes glosados. Assim como certos livros famosos, temas e personagens, cuja incessante admiração causa desgaste e corrosão, também hábitos e gestos são canonizados. Para estas obras grandiosas, resta a proteção contra a crítica, o estudo devassador. Reta também as providências de isolamento, higienização, esterilização, para que leituras mais agressivas não venham causar fraturas irremediáveis nas já frágeis e raras edificações.

No jogo de espelhos, o personagem Cajango é toda a nação em excitação pela dívida histórica dos seus que, por sua vez, são indistintos, somente visíveis pela invisibilidade da marginalização provocada por uma cultura que menospreza as raças não vindas da Europa.

Observando na geografia do romance, a floresta de Camacã – reino/fortaleza do protagonista – é tão extensa e vigorosa que oprime as cidades e os vilarejos, marcando mais uma vez, mesmo em meio ao conflito civilizatório e o exílio do selvagem como demônio, a força do que é o nativo, a negação cultural do Brasil; a Nação Grapiúna e o selvagem, em suas “obscenidades”, sufocam a cultura canônica. O bando de Cajango, em ataque, é narrado como onda que se abate sobre frágeis construções civilizadas. O combate se dá em *Corpo vivo* – em diversos estágios.

O olhar do leitor se divide em duas perspectivas já mapeadas pela crítica: a) um romance ao gosto da literatura brasileira de 1930, onde o personagem principal busca semelhança com as figuras marginais de Lampião e Antonio Silvino. Tais sujeitos, mesmo tão representados em incontáveis linhas sociológicas, ficcionais e críticas, não estão ainda compreendidos pela cultura do nacional; muitas vezes, historiadores, críticos e romancistas representam o esforço de polimento e homogeneização desses fenômenos e não em perspectivas teóricas desejosas de compreender o que é a brasilidade; b) uma narrativa ao estilo inconfundível de W. Faulkner, onde é característica a estilização psicológica do *far West* norte-americano – ali, confundem-se as ações físicas pela arma de fogo e o drama psicológico pela adoção de um regime social brutal. Tais perspectivas também se estendem até a contemporaneidade naquele país.

O leitor busca as duas filiações também no intuito de se proteger do susto da experiência compartilhada. São corretas, pelo caminho de leitura que empreendo aqui, as experiências usufruídas pelo autor de *Corpo Vivo*. Haja vista, por um lado, o labor do crítico literário Adonias Filho – leitor e resenhista diário da literatura brasileira. Esta literatura também caracterizada como uma das melhores no mundo ocidental e brasileira, entre os anos de 1940 e de 1960. Adonias exerce a Crítica em diversos periódicos cariocas e baianos, aí se incluindo vários textos sobre o autor norte-americano. Também, tanto pela formação de homem nordestino e pelo interesse sociológico de Adonias, que tem publicados alguns ensaios políticos e sociológicos em *Sul da Bahia*, *chão de cacau*, e *A Nação Grapiúna* e outros, tenha se interessado pelo fenômeno cultural e de resistência que foi o Cangaço.

Corpo vivo avança para o entre-lugar, o problemático, incompleto, aflitivo, porque deixa poucas opções ao leitor de olhos

acostumados. Se a condição de pacífica foi muito bem construída e sedimentada desde o início da colonização para as classes subalternas, o romance ensaia outra condição, bem mais próxima dos estereótipos propagados entre os meios de elite: o canibalismo dos antepassados estaria re-ritualizado no ato de cortar as cabeças dos inimigos tombados em combate e trazidos cuidadosamente para o reconhecimento de Cajango, segundo o narrador, para que ele pudesse identificar os assassinos da sua família. Essa prática de degola foi usada pelas *volantes* nos combates contra os cangaceiros e na Guerra de Canudos – transformando a barbárie em espetáculo para a população e educação pelo medo. Não existem, na narrativa, as visões de inferioridade intelectual atribuída ao negro e mestiço; nem a visão de inadaptável e circunscrito somente à mata, atribuídas ao indígena, como fator de sobrevivência. Significando a força necessária para os combates de vingança, é o índio que oferecerá o conhecimento selvagem para a resistência nas *pelejas*, em contraposição à covardia das tocaias e das estratégias reprováveis dos jagunços alugados – frutos da civilização.

Se é grande a cultura do cacau, motivação do romance, ela aparece como corrupta e nociva para o encontro de culturas promovido no sul da Bahia. Enfim, a leitura de *Corpo vivo* acaba por providenciar identidades negadas por escrito. Nessas escritas, tecnologia impura porque utiliza o próprio código do poder de dominação, substancializa-se, como nas observações do crítico Homi Bhabha, em semelhança e ameaça. E essas vigorosas *culturas por escrito* alimentam-se do fruto acre-doce das humanidades mestiças!

Notas

- 1 Adonias Filho é autor das seguintes ficções: *Os servos da morte*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946; *Memórias de Lázaro*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952; *Corpo vivo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962; *O forte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965; *Léguas da promessa*; novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968; *Luanda Beira Bahia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; *As velhas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975; *Fora da Pista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978; *O largo da Palma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; *Noite sem madrugada*. 2ª. ed., São Paulo: DIFEL, 1986; *O homem de branco*; romance. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987; *O menino e o cedro*. 3ª. ed., São Paulo: FTD, 1996.
- 2 Nascido na cidade baiana de Itajuípe, na fazenda São João, a 27 de novembro de 1915, era filho do fazendeiro de cacau Adonias Aguiar e de Raquel Bastos de Aguiar. A José Olympio publicou seu primeiro romance, *Os servos da morte* em 1946, o pri-

- meiro da prometida saga do cacau, romance forte, beirando o trágico e o poético. É uma obra baseada nas novas tendências do romance norte-americano e francês. Em 14 de janeiro de 1965, foi eleito para a Cadeira 21, da Academia Brasileira de Letras, na vaga de Álvaro Moreyra, que tinha como patrono José do Patrocínio. Foi recebido pelo também grapiúna Jorge Amado. Publicou, nesse mesmo ano, a segunda série dos *Modernos ficcionistas brasileiros*, pela Editora Tempo Brasileiro, do baiano Eduardo Portella, e o livro *Nação grapiúna*, reunindo os dois textos da cerimônia de posse na ABL, o seu próprio e o texto de Jorge Amado. No ano de 1987, editou seu último romance, *O homem de branco*, baseado na vida de Jean Henri Dunant, um dos fundadores da Cruz Vermelha. Depois de uma vida voltada para a literatura através dos seus romances, contos, novelas, ensaios e artigos críticos, morreu Adonias Aguiar Filho na Fazenda Nova Aliança, de sua propriedade, no distrito de Inema, em Ilhéus, a 2 de agosto de 1990, muito próximo do lugar onde nasceu. A causa oficial de sua morte foi derrame cerebral, porém muitos amigos próximos afirmam que foi tristeza, saudades de Rosita, sua esposa, que havia falecido de complicações logo após uma cirurgia 30 dias antes.
- 3 CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade*. São Paulo: EDUSP, 1999. 2 v. e COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, v. 2.
- 4 Adonias Filho. *Corpo vivo*. 4.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio; Editora Três, 1974.
- 5 Refiro-me aqui ao conceito de identidade investigado por: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998; CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997; COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada na América Latina: ensaios*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003; HUTCHEON, Linda. *Teoria e política da ironia*. Tradução de Julio Jeha. Belo Horizonte: UFMG, 2000; GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989; HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7.ª ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003; HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik e Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte/Brasília: UFMG; Unesco, 2003; HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.) *Identidade e diferença*. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003; KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: Estudos Culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSP, 2000; MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003; SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar da Literatura Latino-americana. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001; WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org. e trad.) *Identidade e diferença*. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.
- 6 DERRIDA, J. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. 2.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. p. 229-249.
- 7 VIEIRA, Nelson H. Hibridismo e alteridade: estratégias para repensar a história literária. In: MOREIRA, Maria Eunice (org). *Histórias da Literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003, p. 109.
- 8 VIEIRA, 2003, p. 98-99.

- 9 KOTHE, Flávio R. *O cânone imperial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000, p. 128, 271-314.
- 10 BHABHA, Homi K. Da mímica e do homem: a ambivalência do discurso colonial. In: _____. *O local da cultura*. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 131.
- 11 Segundo o dicionário Houaiss: Ba. Designação dos sertanejos para os habitantes do litoral.
- 12 Adonias Filho. *Corpo vivo*. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio Editora; Editora Três, 1974, p. 19.
- 13 São cortes súbitos, rapidez e lentidão na narrativa mesclados, sinestesia, valorização da imagem.
- 14 ADONIAS FILHO, 1974, p. 22.
- 15 “E veem o bando que entra, quase uma coluna, ao peso dos bornais e das cartuchei-ras. Farejando os caminhos, com os nervos rebentados, encharcam-se na aguardente. Contratados para a luta, na guerra de morte, não poupam a quem quer julguem a serviço de Cajango. São 30, João Caio sabe.” (ADONIAS FILHO, 1974, p. 86).

Referências

- ADONIAS FILHO. **O menino e o cedro**. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996.
- _____. **O homem de branco**: romance. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1987.
- _____. **Noite sem madrugada**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.
- _____. **O largo da Palma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- _____. **Fora da pista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **As velhas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.
- _____. **Corpo vivo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; José Olympio Editora; Editora Três, 1974.
- _____. **Luanda Beira Bahia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- _____. **Léguas da promessa**: novelas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **O forte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- _____. **Memórias de Lázaro**. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
- _____. **Os servos da morte**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1946.

ARAÚJO, Vera Lúcia R. C. **Palavras de deuses, memória de homens**: diálogo de culturas na ficção de Adonias Filho. Maceió: EDUFAL, 1999.

BARTHES, R. **The pleasure of the text**. Trad. R. Miller. New York: Hill, 1975.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myrian Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo (Org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. (Série Fundamentos).

_____. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrião. São Paulo: EDUSP, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 5. ed. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1975. v 2.

COUTINHO, Eduardo. **Literatura Comparada na América Latina**: ensaios. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. **O índio brasileiro e a Revolução Francesa**: as origens brasileiras da teoria da bondade natural. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, João Carlos Teixeira. **A tempestade engarrafada**: ensaios. Bahia: EGBA, 1995.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. A inquietude de Luís Costa Lima. In: LIMA, Luís Costa. **O controle do imaginário**: razão e imaginação nos tempos modernos. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

HABERMAS, Jürgen. **A crise de legitimação no capitalismo tardio**. 2. ed. Tradução de Vamireh Chacon. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, S. **Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais**. Organização de Liv Sovik, Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte; Brasília: UFMG; Unesco, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992. (Col. Biblioteca Pierre Menard).

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: Estudos Culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru: EDUSP, 2001.

KOTHE, Flávio R. **O cânone imperial**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

PARANHOS, Maria da Conceição. **Adonias Filho: representação épica da forma dramática**. Salvador-Ba: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989.

PINHO, Adeitalo Manoel. **Um crítico, dois caminhos: a produção crítica de Adonias Filho e Djalma Viana**. Dissertação (Mestrado em Letras) Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.) **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.